

Economia como lugar de relação: proposições para um novo caminho social

Economy as a place of relationship: propositions for a new social path

Alzirinha Souza*

Recebido: 29/04/20

Aprovado: 04/05/20

Resumo:

Existe sempre a possibilidade de se viver de outra forma, uma vez que mudanças são inerentes ao ser humano. Contudo, tratando-se de sistemas econômicos, as mudanças exigem mais. Exigem uma mudança de paradigma na compreensão do que é economia e na centralidade que o humano ocupa na relação com as forças produtivas. É nesse sentido que, a partir do pensamento de Elena Lasida e do Papa Francisco, a autora busca analisar as duas seguintes proposições: a recuperação do humano e a sua relação aos sistemas econômicos. Em um primeiro momento, apresenta a reflexão sobre os fundamentos do que é efetivamente economia. Em seguida, são apresentados os elementos que o Papa apresenta em seu paradigmático discurso realizado no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares na Bolívia, em 2015; para finalmente buscar os elementos de convergência entre os dois autores.

Palavras-chave: Economia. Pessoa humana. Sistemas. Francisco. Lasida.

Abstract:

There is always the possibility of living differently, since changes are inherent to human beings. However, in the case of economic systems, changes demand more. They demand a paradigm shift in the understanding of what economics is and in the centrality that the human occupies in the relationship with the productive forces. It is in this sense and based on the thoughts of Elena Lasida and Pope Francis, the authoress seeks to analyze the following two propositions: the recovery of the human and its relation to economic systems. At first, it presents a reflection on the fundamentals of what economics is. Then, he presents the elements that the Pope presents in his paradigmatic speech given at the II World Meeting of Popular Movements in Bolivia, in 2015; to finally seek the elements of convergence between the two authors.

Keywords: Economy, Human Person, Systems, Francisco, Lasida.

Introdução

É fato que não podemos viver fora do sistema econômico. Igualmente, podemos afirmar com a mesma certeza que, no(s) sistema(s) econômico(s) atual(ais), é o humano que vem sendo posto à margem, o mesmo que exige o repensar das formas econômicas

* Alzirinha Souza é doutora em teologia pela *Université Catholique de Louvain* e pós-doutorado em teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde é coordenadora, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia.

de viver em conjunto. É sobre a questão da centralidade do humano nas relações econômicas que queremos refletir neste texto. E o faremos a partir de duas novas proposições que contribuem com elementos para repensarmos essa relação economia × humano, tão distorcida ao longo da história, que nos levou à situação atual em que um terço da população mundial dorme diariamente sem ter acesso a qualquer tipo de alimento, ao passo que menos de 1% dessa fatia concentra mais de 50% das riquezas existentes na face da Terra. Em definitivo, há algo que não funciona nessa relação.

Há alguns elementos pré-existentes que poderiam fazer parte de nossa análise. Não pretendemos discorrer detalhadamente sobre eles, mas cremos que vale o momento para enumerá-los no sentido de avivar as controvérsias do sistema atual. O primeiro e mais evidente elemento é o avanço das novas tecnologias e demandas sociais. Dados os números que acabamos de citar, podemos inferir em definitivo que elas não contribuem para o equilíbrio na forma de vida das pessoas. Ao contrário, creio que é possível afirmar que elas aceleraram, inclusive, a desigualdade entre pequenos grupos que lhes têm acesso e as dominam, e uma grande massa de excluídos digitais. No sistema neoliberal vigente, somente terá acesso a qualquer tecnologia aqueles que a podem consumir, pagar por ela, os que podem ser participantes do *mercado*. O segundo é a necessidade urgente de compreensão do que é economia e dos elementos impostos que geraram distorções feitas sobre a economia e a característica negativa que lhe foi imposta. Claro que essa referência é reforçada à medida que nos sentimos diretamente afetados por ela. A noção de crise nunca será igual para ricos e pobres. Para os primeiros, ela pode significar diminuição de lucros ou deixar de ganhar o que se pretendia; para estes últimos, seguramente, significará deixar de comprar os elementos básicos para sua sobrevivência e a de sua família. São perspectivas diferentes do negativo.

Porém, poderíamos nos perguntar: como uma sociedade pode sobreviver durante séculos, organizada em algo tão negativo? Se fosse tão negativo assim, esse sistema já não teria sido substituído ou extinto? Ora, o que precisaria ser revisto para os modelos que temos hoje, que se mostram esgotados? Certamente, seria a complexidade de variáveis que envolvem a questão ou a perda de conceitos básicos por parte daqueles que detêm o poder de direcionar a organização social e econômica. Neste texto, queremos propor esta reflexão a partir dos elementos propostos por dois pensadores: Elena Lasida e o Papa Francisco.

Encontraremos uma retomada sobre o conceito, a fundamentação e a função da economia que não se encontra na posição de fim, e sim de meio, de auxílio para a integração das dimensões humanas de cada pessoa em seu processo histórico, de acordo com o pensamento de Elena Lasida (2011). Partindo do olhar do Papa Francisco (2015), utilizaremos seu emblemático discurso para o II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, realizado na Bolívia, que apresenta, segundo nossa análise, os pontos-chave necessários conforme sua compreensão para repensar essa mesma relação. Ao final, buscaremos encontrar os pontos convergentes entre os dois olhares.

Contudo, antes de expor seus pensamentos, gostaria de explicar ao leitor o contexto em que mantive contato com Lasida. Nos anos de doutorado em Louvain, participei de um colóquio cujo tema era: *Para que a Terra se torne mais justa*, organizado pela *Université catholique de Louvain* e pela *Entraide et fraternité* (órgão ligado à Conferência Episcopal Belga), no qual a professora realizou sua conferência. O objetivo principal desse evento era mostrar diferentes iniciativas de viver em conjunto que se realizavam nos quatro cantos do planeta, visando minimizar as injustiças e suscitar o engajamento de cristãos na ação em defesa da justiça social. A conferência de abertura foi dada pelo professor Olivier De Schutter, representante especial das Nações Unidas pelo direito à alimentação. Em seguida, a conferência da professora Lasida tratou dos movimentos econômicos solidários, tendo sido iniciada com a seguinte provocação: *Não é o que temos que devemos colocar em comum, mas sim o que nos falta*¹. Num primeiro momento, vi-a contrariar uma das mais representativas demandas do Evangelho: a partilha. Contudo, a releitura do fazer economia que ela propunha ia ao encontro do que sempre intuí sobre a questão da injustiça: não há como rever as questões econômicas sem antes retomar o sentido do humano, que é diretamente afetado por ela. A massa de manobra que serve para receber modelos econômicos prontos já não lhes responde de forma obediente. As mudanças se processam na velocidade do furacão e as variáveis fogem das mãos daqueles que ainda tentam pensar a sociedade monoliticamente.

Nesse sentido, Lasida apresenta sua releitura, interligando-a às questões existenciais que nos cercam e que, através do cristianismo, podem, sim, servir de base

¹Elena LASIDA. *Mouvements sociaux et économie solidaire* (Institut catholique de Paris, vice-doyenne à la recherche au sein de la Faculté des sciences sociales et économiques – FASSE). Conferência realizada em 13/03/2014, na *Université catholique de Louvain*, durante o colóquio *Pour que la terre tourne plus juste : l'engagement des chrétiens*. Texto não publicado, baseado no livro anteriormente citado.

para todas as proposições solidárias que vierem a nascer da iniciativa humana, transformando-se em formas mais justas de viver.

Quanto ao Papa Francisco, eximo-me de fazer apresentações. No entanto, gostaria de ressaltar que o tema da economia entra em sua agenda não por si mesma, mas pela transversalidade que termina por tocar os destinatários do Evangelho – os pobres, aos quais Francisco, desde o primeiro momento de seu pontificado, vem ressitando em seu discurso, expresso na célebre chave: *Quero uma Igreja pobre para os pobres*. O Papa vem perseguindo e demonstrando por discursos, por homilias e por gestos esse desejo desde que assumiu a direção da Igreja Romana em março de 2014.

Talvez por estar cansado de bater contra os *velhos economistas*, que sustentam o sistema exploratório e centralizador atual, Francisco tenha convocado para os dias 26, 27 e 28 de março de 2020 o Encontro do Papa com *Jovens Economistas*, que seria realizado na cidade de Assis. Atropelado pela paralisação em decorrência da atual pandemia, o encontro teve de ser adiado para 2021. Providencialmente, entre tantas questões que agora nascem em função do confinamento mundial (uma delas é a econômica), impõe-se mais uma vez uma problematização de fundo ético: é possível salvar a economia sem antes salvar pessoas? Suas proposições desde 2015 nos dizem que não.

1. Limites humanos e economia

A primeira proposição de Lasida nasce das questões cotidianas que se apresentam como limites à própria vida. O limite é o que permite e, de certa forma, impõe uma segunda maneira de olhar o mundo e a realidade, olhar de onde o limite imposto não permitiu que pudéssemos continuar o passo, razão pela qual ficamos à margem. Um outro olhar mais distante permite ver o todo de uma perspectiva nova.

O primeiro limite é dado pelo outro, dado por todo aquele diferente de nós mesmos. As pessoas que atravessam nossa vida estabelecem um vínculo conosco, entram em nossa experiência e, de alguma forma, contribuem para nossa constituição pessoal. Muitas vezes, são elas que nos dizem quem somos nós, revelando-nos nossos próprios limites através dos seus. Essa leitura é realizada desde o final do existencialismo por Gabriel Marcel e retomada por Ricœur (2014), que afirmam que a constituição da personalidade humana e a apropriação de sua identidade se dão na relação com o outro.

Se o primeiro limite se referia à forma de viver, o segundo afirma a finitude humana. A vida humana é marcada pela certeza da finitude. Talvez o paradoxo se

encontre no fato de que ser justamente a única coisa que pode ser considerada efetivamente como certa implicaria em geral aquela que mais queremos evitar e na qual até mesmo evitamos pensar. A vida se apresenta sempre com o risco de morte e de vazio. Contudo, para Lasida, a vida se manifesta não contrária à morte, mas continuamente atravessada por ela, seja nas *pequenas mortes* diárias (os projetos fracassados, as relações que terminam, as pessoas que morrem) contra as quais lutamos para nos reconstruirmos, seja na morte final em que, de acordo com cada crença, podemos ficar ou não. Em ambas temos a possibilidade de renovação.

Ora, a economia também é atravessada e marcada pelo limite desde sua conceituação. A palavra vem do grego *oikonomia* e significa a gestão da casa, do lugar onde se habita, do que nós temos de mais personalizado, de onde estamos com aqueles que são normalmente mais próximos. A casa é onde imprimimos nossa personalidade.

Cada um habita sua casa de um modo distinto, mesmo que hoje um dos setores da economia, o da decoração e moda, tente impor um modelo de viver que tende a despersonalizar ou, por outro lado, padronizar o pessoal. O fato é que a economia nasce a partir de uma dimensão existencial humana da casa como proteção, para a sobrevivência, de um lugar vital. A gestão dos recursos dos bens escassos da casa é associada diretamente à manutenção da vida humana.

Nesse sentido, a economia é também um meio, e não um fim em si mesma. Ela traduz as aspirações mais profundas de cada um e, mais ainda, é um meio que nos obriga permanentemente a definir nossas finalidades e nos força a aprender a realizar escolhas (LASIDA, 2011, p. 32). Associada à dimensão material da vida, a economia revela, portanto, sua dimensão existencial.

O limite da vida e a escassez de recursos revelam uma nova forma de viver e olhar o mundo e a ela nos chamam. Ambos passam por uma experiência antropológica porque levam o humano a lidar com diferentes finitudes, sejam elas de recursos, de vida ou de inter-relação entre os dois. O ponto comum é que esse outro olhar se dá em relação ao que falta, e não ao que temos.

Ora, o mesmo limite que nos põe em contato com o que nos falta, com o que precisamos completar, com aquilo de que precisamos para crescer, com o que necessitamos adquirir para viver no plano material ou existencial, é o que nos abre espaço para o radicalmente novo. Nas ausências e nas buscas por vida, ativamos de alguma forma o senso da criatividade e da imaginação. Enxergamos o novo no que já havíamos visto, ativamos o botão da criação, que se difere radicalmente da fabricação

(ARENDRT, 1995, cap. V), uma vez que está ligada diretamente à novidade radical, do inesperado que torna possível uma outra experiência profundamente humana e transcendente a nós mesmos. Não raro, vemos como os pobres encontram soluções inovadoras que lhes solucionam a vida a partir de materiais que para outros não teriam mais utilidade. Em geral, eles têm o botão da criação frequentemente mais ativado do que o dos que já têm a vida ganha.

Normalmente, a criação não seria possível sem o limite ou, ao menos, não seria suscitada com mais rapidez. As situações de plenitude anulam a emergência da criação e do novo. Na esteira da escassez, a economia solicita mais que a capacidade de gestão de recursos: a capacidade de criação do novo para viver. Ela é atravessada pelo limite da escassez, mas tem de fato por objetivo o desenvolvimento da capacidade criativa do homem. Ela não busca apenas preencher uma falta, mas, para que essa falta seja preenchida, ela busca antes colocar em movimento a criatividade humana, transformando a experiência em transcendência, levando o humano para fora de si através de sua criatividade e superando a visão clássica dos manuais de economia como gerenciamento de recursos escassos.

Para satisfazer sua condição existencial, o humano é chamado a aceder aos bens necessários cuja falta produz um desejo mais do que material: um desejo material que exige passar pela criatividade, superar a incerteza e abrir novos caminhos que permitam ao homem, através da abertura à transcendência, a integração de todas as suas dimensões.

2. A economia como ato criador

Em termos econômicos, a criação é normalmente ligada à fabricação, à produção e mais particularmente à inovação, que, no dizer de Arendt, é o resultado de uma ação prevista antecipadamente, de um plano preestabelecido e controlado.

Geralmente, a inovação se dá por algo novo, que é integrado sem planejamento e de maneira voluntária. Nesse caso, além de preceder o momento do conceito econômico, pode-se dizer que essa inovação voluntária também pertence à fabricação, de modo que essa acoplagem à produção seja absorvida por seu método e técnica.

Isso nos permite pensar a economia a partir de duas perspectivas. Na primeira, ela é concebida unicamente como processo de produção e de alocação de recursos materiais, não havendo lugar para o sentido de criação de Arendt. Na segunda, em que há lugar para o conceito arendtiano, a economia é pensada antes de tudo como um movimento social que coloca o humano em relação com bens e serviços que o ajudam a

ser mais humano, a construir vínculo com outro humano através da criação no cuidado com os recursos que lhe faltam. Aqui se inclui a dimensão social e relacional da economia, que permite pensar a criação no interior de sua lógica.

A criação abre passagem para algo novo, e a principal função do criador é igualmente abrir essa passagem ao inesperado que lhe vai possibilitar completar a falta. Abrir passagem é admitir que o resultado final não depende daquele que abre, mas da surpresa e da inovação do proposto. Nesse processo, é necessário, segundo Benjamín González Buelta (2009), observando a forma de religiosidade das populações pobres latino-americanas, que a criação conjugue realidades que normalmente se excluem (utopia e realidade, profecia e conhecimento, eficácia e gratuidade, individual e comunitário) e as coloque em diálogo.

Como uma nova lógica de pensamento a partir da aproximação de elementos que aparentemente se opõem, a criação aparece como balanceamento de contrários que tendem a se completar sem se anular. A lógica da criação não exige primeiro uma explicação, e sim uma surpresa, um *émerveillement*², uma vez que ela supera todas as capacidades normais de cada um, que antes não havia reconhecido uma nova lógica, uma nova organização, uma nova maneira de ser.

Afirma Lasida:

Essa concepção de criação que não se reduz à de fabricação interroga fortemente a economia. É o começo do século XXI particularmente propício para colocar essa questão, principalmente em torno de uma problemática contemporânea, que apareceu no começo como um simples problema de escassez de recursos e se tornou em seguida uma questão maior de sociedade: o desenvolvimento durável (LASIDA, 2011, p. 32).

E, acrescento eu, que hoje se encontra na ordem do dia a partir da publicação da Encíclica *Laudato Si*. (FRANCISCO, 2015).

É justamente o modelo econômico instaurado pelos países desenvolvidos, pautado pela fabricação e não pela criação, que agora alerta para uma nova forma de desenvolvimento, permitindo a satisfação das gerações do presente e, mais do que isso, deixando condições de vida digna às gerações futuras.

Faz-se necessária não só a afirmação de uma nova forma de viver centrada nos recursos renováveis, na redução de consumo e na quantidade de produtos, mas também a proposta de pensar uma nova forma de compreensão do viver no sentido individual que afeta o coletivo. Trata-se de participar da criação no sentido mais amplo, sem

²*Émerveillement*, em tradução literal: *maravilhamento*.

pensar somente no benefício que isso pode proporcionar, mas também numa vida verdadeiramente humana. A melhora da vida nesse sentido implica que cada um se sinta criador e responsável pelo cuidado com a casa comum, com a casa pessoal, com a coletividade.

Não se trata simplesmente de fabricar para fazer durar as aquisições, mas de fazer durar a capacidade criativa de cada um para não haver novas aquisições. O consumo consciente, a consciência de que vivemos num planeta que já grita por seus limites, não nos permite mais prolongar os modelos vigentes, mas, sim, reinventar outras formas de vida que deem a cada pessoa a oportunidade de se realizar no processo histórico, sem prejudicar as próximas gerações.

O conceito de qualidade de vida não passa mais por ter, mas pelo partilhar de forma criativa para que todos possam aceder equitativamente aos bens materiais, de modo que a relação com o material parta do compartilhamento, e não do preenchimento pessoal. O homem criador torna-se efetivamente aquele que dá passagem à criação que beneficia o comunitário, na qual prevalece o relacional, permitindo que todos, independentemente da classe e da condição social, possam criar uma nova forma de viver em conjunto e de preencher as faltas.

Ele se vê como no relato da Criação (Gn 2,18-23), posto em relação com o outro, visto que todos estão incompletos e ninguém é capaz de tudo recriar só. O não reconhecimento do que falta leva cada um a sentir-se dono de si, proprietário de recursos e fabricante de produtos para si. Ele se vê como a continuidade do relato (Gn 1,28; 2,15), como cocriador que recebe não para ser seu predador, para instrumentalizá-la ou para submetê-la, mas para assumir a missão de conservação e continuidade da criação do que lhe foi confiado: ele é mestre, guardião e cultivador da terra a serviço do humano. Desse modo, transforma-se em gerador de vida que é sempre atravessada pela morte. A criação é dada inacabada ao homem, assim como a vida, para que ambas possam ser continuamente recriadas de forma relacional. O Criador dá livre passagem ao homem que, por sua vez, dá livre passagem ao semelhante com o qual se relaciona.

3. A economia como lugar de relação

A função criativa da economia é, portanto, diretamente ligada à sua função relacional. Uma das funções do ato criador é envolver aquele para quem se cria, é mediar com o outro, é estabelecer vínculo. Através da relação, o humano criador se coloca também como *passueur*, aquele que dá passagem para que o outro e ele mesmo

descubram maravilhados outra possibilidade de ser que atravesse seus limites e fronteiras.

De fato, passar e deixar passar é uma condição existencial, em que a própria vida é uma etapa de passagem atravessada pela finitude. Passamos pelas diferentes etapas de idade, passamos pelas diferentes circunstâncias educacionais e profissionais, passamos pelas alegrias e pelas dificuldades.

Contudo, o *passeur* para Lasida tem um sentido fortemente antropológico-existencial. Não é somente aquele que ajuda o outro a passar como um guia, mas é alguém que se coloca em relação, que estabelece vínculos, que assume o caminho a passar, que se coloca ao lado na passagem. É aquele que ajuda o outro a se deslocar (*se déplacer*, mudar de lugar, *changer de place*) e, ao estar em outra *place*, revela a possibilidade de o outro ser efetivamente outro. Na vida de cada um de nós, seguramente encontramos ao menos um *passeur*, alguém que, colocando-se junto, nos ajudou a dar um passo à frente e, aí estando, pudemos nos reconhecer de outra forma.

Nossa condição de cocriadores é, em primeiro a lugar, a de levar aqueles com os quais estabelecemos vínculos a darem um passo à frente, a integrarem dentro de suas possibilidades e limitações as dimensões humanas que lhes são próprias e pessoais; de outra forma, a se tornarem mais *gente* para virem ser igualmente *passeurs* de outros.

Ser um *passeur* é ser libertador para o outro, é abrir-lhe as portas *sabendo que o mais importante não é a abertura em si, mas o que ela fará possível* (LASIDA, 2011, p. 76). Ele é um mestre do pensamento, o que não se traduz num intelectual propriamente dito; é alguém que consegue, a partir de uma consciência mais ampla, ampliar a consciência do outro. Alguém que profeticamente consegue visualizar e antecipar as questões futuras; alguém que, como no dizer de Giorgio Agamben (2010) consegue ver nas trevas um ponto de luz (*il guette la lumière*). No lugar de onde o outro não consegue ver a porta, ele a abre. Por isso, ele é ligado a seu presente e traduz o contemporâneo antecipando seu futuro.

Ora, a economia tem em seus manuais o conceito de *laissez-faire* e *laissez-passer*, expressão que traduz no liberalismo econômico o livre ajuste econômico pelo movimento do mercado sem intervenção pública. No entanto, Adam Smith, considerado com frequência o pai do liberalismo econômico e de um *homo oeconomicus* individualista e egoísta, pensava de maneira distinta. Para ele, o mercado não era um meio de preservar a independência de cada pessoa, mas de completar a incompletude de cada humano, tomando sua interdependência por um vínculo (LASIDA, 2011, p. 79).

Não se pode esquecer que subjaz ao mercado o humano que é capaz de fazer escolhas e defini-las por si mesmo. A imagem do mercado como dominador das escolhas humanas e do ator econômico que por ele é manipulado não é de Smith, assim como não o é a expressão *mão invisível* que, fazendo referência à auto-organização, nos transporta à imagem desumanizada, sem direção e diabólica do mercado.

O homem smithiano é, antes de tudo, um *homo passens*, um *passer*³. Nas obras *Teoria dos sentimentos morais* (SMITH, 1759) e *Pesquisa sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, (SMITH, 1776), as noções de *interesse individual – simpatia* na primeira e *self love* (amor-próprio) na segunda foram mal traduzidas como egoísmo e reinterpretadas como regulamentadoras das relações humanas; a primeira no meio social e moral, e a segunda no meio econômico.

O fato é que, lido corretamente, Smith nos permite pensar a economia como parte da ordem social, e não em oposição a ela. É a economia que permite pensar a emergência da constituição social. A noção de *simpatia* para ele se inscreve na tradição filosófica da Escócia e da Inglaterra no século XVIII. Na esteira de Hume, Smith funda o julgamento moral sobre os sentimentos (e não sobre a razão como Aristóteles), afirmando a disposição natural do homem à compaixão e não ao egoísmo, da mesma forma que afirmara Hobbes.

Em *Teoria dos sentimentos morais*, o capítulo intitulado *A simpatia* mostra a inclinação de todo homem, do mais ao menos virtuoso, e que podemos utilizar a expressão *simpatia para exprimir a faculdade de partilhar as paixões dos outros, sejam elas quais forem* (LASIDA, 2011, p. 83). Logo, a simpatia é dada àqueles que se imaginam dentro da alegria e da tristeza do outro, àqueles que se colocam no lugar do outro. Contudo, esse movimento pode ser realizado sem estar fisicamente com o outro.

Nesse sentido, ele visa antes de tudo separar o outro de mim mesmo, não chegando de fato a resolver por completo essa distância. Em resumo, o homem smithiano é, no dizer de Dupuy (1992), *radicalmente incompleto*. É aquele que tem necessidade dos outros para forjar sua identidade. Pela imaginação ele se torna o outro, substitui-se ao outro. Esse real sentido é bem distinto do *homo oeconomicus* egoísta e seguramente próximo do *homo passens*, pois trata-se de um homem de relação e

³Vamos guardar a expressão francesa de Lasida, uma vez que não encontramos uma tradução que desse o perfeito sentido de movimento do ator social que a autora quer dar em sua obra. Queremos também guardar a relação que ela faz entre as palavras *sapiens e passens*.

identificado por sua relação. A simpatia, nesse contexto, é o que impulsiona o homem à relação.

É um *regulador ético* (DUPUY, 1992, p. 89) porque permite que cada um enxergue e se coloque na situação do outro, definido por Smith como *o prazer da simpatia recíproca*, que se reveza nos papéis de espectador e juiz do outro. O espectador-juiz toma duas formas diferentes: o *homem without*, identificado pela opinião pública, e o *homem within*, identificado com a própria consciência.

O homem smithiano é considerado então um *homo passens*: ele faz circular sentimentos sobre os quais fundamenta seu julgamento. Através de suas passagens, constrói a coesão social, uma vez que aproxima as pessoas e permite a vida em conjunto.

Finalmente, por meio da simpatia, o *homo passens* se torna o *homo oeconomicus*. A partir da possível divergência o *homem without* e o *homem within*, quando um deseja a riqueza do outro, Adam Smith acrescenta um capítulo à obra *Teoria dos sentimentos morais* para tratar do tema da corrupção dos sentimentos morais, que se resume à disposição que o humano tem de apreciar os ricos e os grandes e a desprezar e negligenciar as pessoas pobres e miseráveis.

Essa questão toca diretamente à atividade econômica e ao conceito de *self love*. Nesse caso, o interesse do humano pela riqueza não é somente associado à sua utilidade, mas à simpatia que lhe pode chamar a atenção. A acumulação da riqueza aparece como um meio de obter a aproximação e a aprovação do *homem without*, uma vez que este admira mais a riqueza do que a sabedoria e a virtude. Pergunta-se Smith:

Onde está o veículo de paixão comum a todas as vias humanas que é de melhorar sem cessar a situação em que se encontra? É de se destacar, de ser considerado, de ser olhado com aprovação, com aplausos, com simpatia e de obter sempre vantagens que divergem dos sentimentos (SMITH, 1859, p. 54).

O humano buscará a simpatia do outro através de duas formas de condução: pelo *homem within* a aprovação da própria consciência, e pelo *homem without* a aprovação para a acumulação de riqueza. Cada um desses comportamentos responde à modalidade do *self love*, sendo uma forma de amor-próprio. Desse fato, pode-se concluir que o amor-próprio, associado à acumulação de riquezas, não se opõe à simpatia, mas é uma modalidade utilizada pelo sujeito para atrair a simpatia dos outros (LASIDA, 2011, p. 89).

A questão é que a riqueza acumulada atrai o sentimento contrário à simpatia, isto é, a inveja. O rico se torna ao mesmo tempo o modelo a imitar e um rival a eliminar. Sua riqueza suscita simpatia e o desejo de possuí-la para si. Nesse sentido, o *self love*, associado à acumulação de riquezas, produz efeitos contrários: inveja e simpatia, aprovação e desaprovação.

Dessa forma, o *homo passens* smithiano pode comunicar a simpatia e ao mesmo tempo a inveja, ele pode então criar a harmonia e a desestrutura. No pensamento de Smith, não se pode isolar o interesse econômico das demais dimensões humanas. Pelo contrário, o interesse pela riqueza se explica no interior de sua concepção de humano e de sociedade, sempre atrelado ao conceito da simpatia. Esta pode, ao mesmo tempo, aproximar e colocar em rivalidade. O *homo oeconomicus* não é um ser autossuficiente que define tudo sozinho; ele é, ao contrário, transpassado por essa ambivalência da simpatia: ele quer imitar os outros e, simultaneamente, estar no mesmo nível em que eles estão.

Verifica-se, pois, que a economia pensada por Smith é completamente enraizada dentro do social, que ela não pode ser compreendida sem a contradição dos sentimentos humanos. O *passieur* smithiano é um homem que está em relação sempre dotado de sentimentos contrários. A economia é, em consequência, uma história de passagem que pode produzir o pior e o melhor.

Resta-nos a pergunta: quais os caminhos históricos que podem harmonizar os sentimentos contrários de simpatia e inveja? Como fazer a desconstrução do negativo da economia para que ela venha a ser um lugar de construção solidária, um lugar onde se situa a origem do *homo passens* smithiano, uma economia concebida como simples meio de aceder aos bens necessários para viver sem a acumulação de bens?

4. Elementos de fundo para a economia de Francisco

Desde o começo de seu pontificado, ao afirmar que sonhava com uma Igreja *pobre para os pobres*, Francisco nunca escondeu sua preocupação com o sistema econômico em que vivemos. Não poucas vezes, em seus discursos, homilias e principalmente gestos, o Papa revelou que os mais vulneráveis, centro e destinatários do Evangelho, são sua prioridade.

No meu ponto de vista, a fala mais emblemática de Francisco sobre o tema encontra-se em seu discurso realizado em 09 de julho de 2015, em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), quando do II Encontro Mundial dos Movimentos Populares (FRANCISCO, 2015). Esse discurso parece-me ser a carta magna para a ideia de

economia do Papa, em que ele consegue compilar as necessidades básicas que os sistemas econômicos deveriam prover para todos em três palavras-chave: terra, teto e trabalho.

Convém esclarecer que, ao falar aos latino-americanos, ele falava também a toda a humanidade. Francisco chama a atenção para o fato de que esses problemas são, antes de tudo, problemas de matriz global que nenhum Estado era capaz de resolver. Para o Papa, o reconhecimento de tantas coisas que faltam aos pobres só pode levar-nos ao caminho da mudança. Não há como permanecer neste sistema que exclui e mata pessoas. Afirma claramente Francisco:

Se isso é assim – insisto – digamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco (EMMP, 1).

Na sequência de sua fala, o Papa traduz onde se encontra a possibilidade de mudança. À parte a constante vigilância dos movimentos populares aos quais está se dirigindo, afirmará:

Felicito-vos por isso. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, vos dê alegria, vos dê perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adotar posições ideológicas, mas se construídes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência viva dos vossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores excluídos e famílias marginalizadas, de certeza não vos equivocareis (EMMP, 1).

De maneira simples e precisa, Francisco diz quem e qual o caminho: os responsáveis pelos movimentos, pessoas de boa vontade e os governantes que busquem opções alternativas e criativas. Somente superando as ideologias, os interesses parciais e colocando-se na dinâmica do serviço é que poderemos sair da dinâmica viciada pela busca do lucro sobre a morte e a exploração.

Para tanto, o Papa desenvolve sua compreensão em três chaves ou tarefas para pensar os sistemas econômicos. A primeira tarefa é *pôr a economia a serviço dos pobres*. Uma economia verdadeiramente cristã é dada da seguinte forma:

Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, *prosperidade e*

*civilização em seus múltiplos aspectos*⁴. Esta última frase foi pronunciada pelo Papa João XXIII há cinquenta anos. Jesus diz no Evangelho que aquele que espontaneamente dê um copo d'água a quem tem sede, isso lhe será tido em conta no Reino dos Céus. Isto envolve os 3 T, mas também acesso à educação, à saúde, à inovação, às manifestações artísticas e culturais, à comunicação, ao desporto e à recreação. Uma economia justa deve criar as condições para que cada pessoa possa gozar duma infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de atividade e ter acesso a uma digna aposentação na velhice. É uma economia onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio duma maneira simples e bela: *viver bem*, que não é a mesma coisa que *aproveitar* (EMMP, 3.1).

Destaco aqui a economia em que o ser humano é o centro, um sistema que ofereça possibilidades para que todos possam gozar, desenvolver e integrar suas dimensões humanas dignamente na história.

A segunda tarefa é *unir os povos a caminho da paz*. Retomando o documento de Aparecida e fazendo ao final um *mea culpa* de posturas assumidas historicamente pela própria Igreja, o Papa afirma que, apesar dos avanços no caminho da paz, persiste ainda a ideia de um mundo colonizado:

O novo colonialismo assume variadas fisionomias. Às vezes, é o poder anônimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados *de livre comércio* e a imposição de medidas de *austeridade* que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres. Os bispos latino-americanos o denunciam muito claramente no documento de Aparecida, quando afirma que *as instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações* (DA, n. 66). [...] Digamos assim NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz (EMMP, 3.2).

Finalmente, a terceira tarefa do Papa é *defender a Mãe Terra*, solicitando um imperativo ético que, no documento *Laudato Si*, destacará o consumo como um ato moral. Afirma Francisco:

Existe um claro, definitivo e inadiável imperativo ético de atuar que não está a ser cumprido. Não se pode permitir que certos interesses – que são globais, mas não universais – se imponham, submetendo Estados e organismos internacionais, e continuem a destruir a criação. Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se, exigir – pacífica, mas tenazmente – a adoção urgente de medidas apropriadas (EMMP, 3.3).

Considerações finais:

⁴ Referência a João XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, publicada em 15 de maio de 1961. Disponível em: www.vatican.va.

As técnicas, métricas, estatísticas e sistemas financeiros, nós os temos estabelecidos há anos. O que julgamos ter feito ao longo da história foi aprimorá-los. Não saberia dizer se aqui cabe o termo *aprimorar* no sentido de melhorar, isso quando todos os sistemas estão parcialmente constituídos para poucos em detrimento de muitos.

O momento atual não desmente essa ideia. Chegamos a 2020, ano em que escrevo este texto, sob o impacto de uma pandemia global e voltados aos questionamentos não só sobre o valor da vida, mas principalmente sobre a forma como estamos vivendo. Esperemos que esta pandemia que nos igualou a todos, ricos e pobres no risco iminente de perder a vida, possa contribuir de forma positiva para uma reorganização não apenas pessoal, mas também social. Podemos, inclusive, duvidar dessa espera. Em meio a uma situação absurda, marcada pela ausência de fronteiras que caracteriza a transmissão viral, situação esta em que todos deveríamos estar nos ajudando, ainda se manifesta um elemento econômico forte que coloca a vida em segundo plano, priorizando os lucros, o mercado internacional e as bolsas de valores. O que será da economia diante de uma população mundial dizimada? Não saberíamos responder, mas esta é a preocupação de uma minoria que, na atual conjuntura, vai terminar por determinar a vida ou a morte da maioria.

Por isso, encontramos pertinência em escrever este texto e buscar nos dois autores abordados elementos que nos levassem a fazer memória daquilo que é essencial no sentido da economia. Eis o terreno em que ambos convergem: o elemento essencial é o humano. Não há economia no sentido estrito da palavra se ela não contribui para que cada homem e cada mulher possam ter satisfeitas suas necessidades de direitos humanos básicos.

Cremos que os dois autores, cada um à sua maneira, demandam mais do que uma recentralização do humano enquanto beneficiário primeiro dos sistemas econômicos, que atuam como reguladores dos recursos escassos; eles inferem de que maneira esses homens e mulheres devem se colocar frente a tais sistemas. Lasida destaca a necessidade de sermos criadores e não fabricantes, de sermos *passeurs*, de sermos capazes de empatia, para que, a partir do lugar do outro, possamos encontrar em conjunto soluções não somente para o que *me falta*, mas a partir da compreensão do que falta a todos, de modo a poder beneficiá-los. Esse é o sentido de economia global, não porque está no todo, mas por ser aquela que beneficia o todo. Por sua vez, Francisco, sabedor que os destinatários do Evangelho são homens e mulheres concretos, com

demandas específicas, exorta àqueles que o ouviram a este exercício: a dizer não às velhas formas de colonialismo, a descobrir juntos as melhores práticas em benefício geral e a criar um imperativo ético que permita a cada um integrar as dimensões humanas com dignidade no processo da história.

Resta-nos encontrar caminhos para efetivar esse resgate de sentido do humano e sua presença no mundo. Somente assim cremos que os reflexos poderão impactar na organização econômica, social e política, que hoje tanto nos desumaniza.

Referências bibliográficas:

- AGAMBEM, G. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.
- ARENDT, H. *Condition de l'homme moderne*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- DUPUY, J. P. *Le sacrifice et l'envie : le libéralisme aux prises avec la justice sociale*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.
- FRANCISCO. Participação no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Expo-feira de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), em 9 de julho de 2015. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 07/04/2020.
- FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si*, publicada em 24/03/2015. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 07/04/2020.
- GONZÁLEZ BUELTA, B. *Tiempo de crear: popularidades evangélicas*. Madrid: Sal Terrae, 2009.
- LASIDA, E. *Le goût de l'autre : la crise, une chance pour réinventer le lien*. Paris: Albin Michel, 2011.
- RICŒUR, P. *O si mesmo como outro*, São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SMITH, A. *Théorie des sentiments moraux*. Paris: Guillaumin et Cie., 1860.
- SMITH, A. *Recherche sur la nature et les causes de la richesse des nations*. Paris: Gallimard, 1976.